

## **Índice de Confiança do Agronegócio e indicadores econômicos para o setor de grãos no Brasil no período 2014-2015.**

Neylor Pizani Junior <sup>(1)\*</sup>, Luiz Carlos Pittol Martini <sup>(2)</sup>, Giseli Bruggemann <sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup> Acadêmico do curso de Agronomia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

<sup>(2)</sup> Professor Associado, Depto. de Engenharia Rural, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

<sup>(3)</sup> Engenheira Agrônoma, MBA em Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental pelo Instituto de Pós Graduação (IPOG) e MBA em Agronegócio pela ESALQ/USP. Rod. SC 401, km 5, 4850, Loja E-23/30, CEP 88032-005, Florianópolis, SC, Brasil.

\* Autor correspondente – E-mail: neylorpizani@hotmail.com

### **Resumo**

Neste trabalho utilizou-se o Índice de Confiança do Agronegócio (ICAGRO) para avaliar o cenário da produção de grãos no Brasil no período 2014-2015 e para prognosticar as tendências futuras nesse setor agrícola. Os dados comparativos utilizados para avaliar os resultados do índice foram os indicadores econômicos de maior importância, como a produtividade e o custo de produção, fornecidos pela CONAB, o preço de venda, fornecido pelo CEPEA ESALQ/USP e a disponibilidade de crédito rural, fornecida pelo MAPA. Os principais resultados obtidos mostram dados similares nas variáveis comparadas entre o Índice de Confiança do Agronegócio e os indicadores econômicos. Ao longo do trabalho, constatou-se que as expectativas dos produtores de grãos fornecidas pelo índice seguiram as mesmas tendências observadas nos indicadores apontados, permitindo gerar uma análise positiva em relação a confiança dos resultados apresentados pelo Índice de Confiança do Agronegócio.

**Palavras chave:** Índice de Confiança do Agronegócio, indicadores econômicos, grãos.

## **Abstract**

In this work were used the Agribusiness Confidence Index (ICAGRO) to assess the stage of grain production in Brazil in the period of 2014-2015 and to predict future trends in this agricultural sector. The data used to evaluate the results of the index were the economic indicators of major importance, such as productivity and cost of production, supplied by CONAB, the selling price provided by CEPEA ESALQ / USP and the availability of rural credit provided by MAPA. The main results shows similar data in the variables compared between the Agribusiness Confidence Index and economic indicators. Along the study, it was found that the grain producers expectations provided by the index followed the same trends observed in the mentioned indicators, allowing to generate a positive analysis in relation to trust the results presented by the Agribusiness Confidence Index.

**Key words:** Agribusiness Confidence Index, economic indicators, grains.

## **Introdução**

O agronegócio brasileiro considera a produção agropecuária gerada desde os estabelecimentos mais tradicionais, como é o caso da agricultura familiar, até a agricultura comercial de grande porte. Inclui ainda a indústria de insumos, de processamento de alimentos e de serviços (VILELA, 2015).

No cenário econômico nacional de 2015 o agronegócio foi o único a ter um crescimento no PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil, tendo um acréscimo de 1,8%. O PIB do Agronegócio atingiu o valor de R\$ 1,267 trilhão no ano de 2015, representando 21,5% do PIB total do Brasil. A agricultura representou 68% do PIB do Agronegócio, enquanto a pecuária representou 32% (CEPEA ESALQ/USP, 2015).

Na produção mundial de grãos da safra 2014/15, a cultura da soja alcançou um total de 319,73 milhões de toneladas e o Brasil foi responsável por 30,4% dessa produção, configurando-se como o segundo maior produtor. A produção mundial de milho foi de 1,013 bilhão de toneladas e o país participou com 8,3% desta produção. O Brasil se destaca nas exportações de soja, milho e algodão, sendo o maior exportador de soja no mundo, o segundo maior de milho e o terceiro maior de algodão (USDA, 2016).

Na safra 2014/15, a produção de grãos no Brasil atingiu 207,67 milhões de toneladas, sendo 96,23 milhões de toneladas de soja e 84,67 milhões de toneladas de milho, e com produtividade média de grãos de 3,58 mil kg/ha (CONAB, 2016a).

Em meio à diversidade de variáveis, tanto na área de produção quanto na área de mercado, a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e o Sistema OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) criaram o Índice de Confiança do Agronegócio Brasileiro (ICAGRO), que tem como objetivo medir as expectativas dos diferentes setores do agronegócio em relação ao cenário comercial e ao ambiente econômico de forma geral. Esse índice auxilia na identificação prévia de tendências do setor e na tomada de decisões das indústrias e cooperativas, fornecendo subsídios para melhorias nas políticas públicas para o setor e apontando oportunidades de investimento no agronegócio (FIESP & OCB, 2016a).

Diante deste contexto, este estudo teve como objetivo principal apresentar e analisar os resultados obtidos do Índice de Confiança do Agronegócio em conjunto com indicadores econômicos para o setor de grãos no Brasil no período 2014-2015.

## **Material e Métodos**

Os dados do Índice de Confiança do Agronegócio (ICAGRO) foram coletados nos anos de 2014 e 2015, pela empresa Agropipes em parceria com a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e com o Sistema OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras).

A metodologia do Índice de Confiança do Agronegócio Brasileiro consiste em uma coleta de dados utilizando um questionário aplicado em entrevistas por telefone e realizadas trimestralmente. O ICAGRO possui uma escala que vai de 0 a 200 pontos, onde 100 pontos indicam neutralidade, valores abaixo de 100 pontos indicam insatisfação/pessimismo e acima de 100 pontos indicam satisfação/otimismo do setor com a situação dos negócios e com as condições gerais da economia. O ICAGRO é composto por sondagens nos três elos da cadeia:

- Dentro da Porteira (Painel A) - Produtores agropecuários
- Antes da Porteira (Painel B) - Indústria de fertilizantes, máquinas e implementos, sementes e defensivos, nutrição e saúde animal, cooperativas, revendas, bancos, entre outros.
- Depois da Porteira (Painel C) - Indústria de alimentos, de energia, tradings, cooperativas, armazenadores e operadores logísticos.

O peso de cada painel foi definido de acordo com a participação de cada elo no PIB do Agronegócio Brasileiro, calculado pelo CEPEA-USP/CNA. Sendo assim, o Painel A tem um peso de 42%, o Painel B tem peso de 17% e o Painel C peso de 41% no cálculo final do ICAGRO. No Painel A, Índice de Confiança do Produtor Agropecuário, onde se encontram os produtores agropecuários, o peso é de 75% para a agricultura e 25% para a pecuária. Nos Painéis B e C, Índice de Confiança da Indústria, o peso é de 30% para indústria antes da porteira e 70% para indústrias depois da porteira.

A amostra para o ICAGRO de 2014 e 2015 foi formada por 50 entrevistas com empresas dos diferentes segmentos que compõem os Painéis B e C. Para o Painel A, foram realizadas 645 entrevistas válidas com agricultores e pecuaristas, sendo aproximadamente 60% grãos, 9% cana, 8% café, 3% laranja, 12% pecuária de corte e 8% pecuária de leite. Esse painel é formado por produtores que cultivam soja, milho, trigo, arroz, cana, café, laranja e algodão e pecuaristas, tanto de corte como de leite, localizados em 16 estados brasileiros. A amostra conta com produtores pequenos, médios e grandes e representa os produtores que respondem pela formação do Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária brasileira, sendo que o tamanho da amostra para cada cultura e região foi definido de acordo com sua respectiva participação no VBP.

O ICAGRO pesquisa variáveis em dois períodos de referência: Situação Atual e Expectativas. Para o Painel A o peso se divide em 30% para as Condições do Negócio (Custo de produção, Preço de Venda, Produtividade e Oferta de Crédito) e 70% Condições Gerais (Brasil, Região e Setor), sendo que dentro dessas duas condições 30% é a situação atual e 70% as expectativas. Para os Painéis B e C o peso se divide também em Condições do Negócio (Vendas, Margem, Rentabilidade e Oferta de Crédito) e 70% Condições Gerais (Brasil, Região e Setor), sendo que dentro dessas duas condições 30% é a situação atual e 70% as expectativas.

Para o presente trabalho foram avaliados somente os dados do ICAGRO referentes à parcela dos produtores de grãos no Brasil. Sendo as condições avaliadas desses produtores a produtividade, o preço de venda, o custo de produção e a oferta de crédito.

Os resultados do Índice de Confiança do Agronegócio foram comparados com os indicadores econômicos do mesmo período, dos anos de 2014 e 2015. Os indicadores utilizados para a avaliação e comparação foram os de produtividade e custo de produção, fornecidos pela CONAB, o preço de venda, fornecido pelo CEPEA ESALQ/USP e a disponibilidade de crédito rural, fornecida pelo MAPA.

## Resultados e Discussão

O Índice de Confiança do Agronegócio apresentou resultados pessimistas na maior parte do período 2014-2015, apenas no primeiro trimestre do ano de 2014 o setor apresentou indícios de otimismo (Figura 1A). A queda ocorreu principalmente devido à instabilidade política vivida no país a partir daquele momento, onde a crise econômica do país era reflexo dos problemas vividos pelo governo brasileiro. No último trimestre do ano, a alta do dólar ajudou a obter preços mais estáveis das principais *commodities* e o agronegócio apontou ter uma melhora.

O cenário pessimista se manteve no ano de 2015, obtendo queda nos três primeiros trimestres, principalmente pela continuidade do ambiente político desfavorável (Figura 1A). A alta do dólar acabou prejudicando as indústrias de insumos agrícolas, que tem os custos das matérias-primas atrelados ao câmbio. No último trimestre de 2015, tanto as indústrias quanto os produtores melhoraram suas expectativas para o próximo ano, devido à expectativa de bons preços para os produtos agrícolas.

No ano de 2014 os produtores agropecuários se mantiveram sem perspectivas boas, mostrando preocupação em relação à situação política do país (Figura 1B). A melhora nos preços de venda e no seu custo de produção para o produtor pecuário, proporcionou um crescimento no nível de confiança no último trimestre de 2014. Nos três primeiros trimestres de 2015 o cenário se inverteu, o aumento no custo de produção e a baixa nos preços, geraram queda no nível de confiança. Ao final do ano de 2015, os produtores agropecuários aumentaram a confiança devido ao aumento das cotações dos produtos agrícolas.

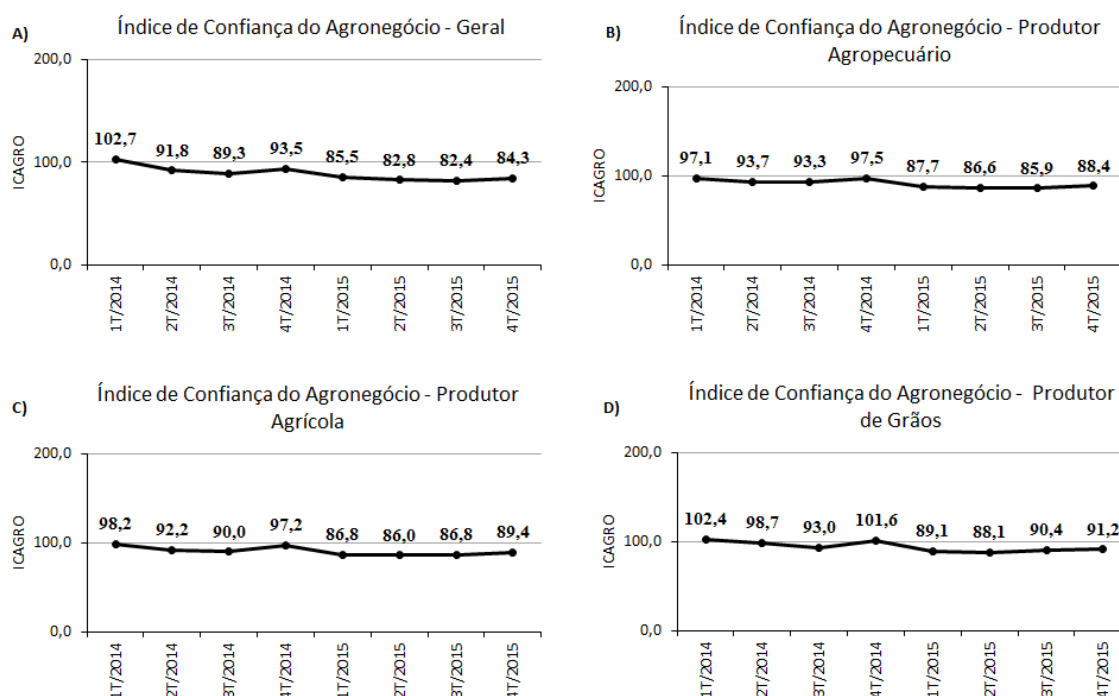
Os produtores agrícolas iniciaram o ano de 2014 otimistas, principalmente devido aos bons preços de venda dos produtos agrícolas (Figura 1C). Contudo, no decorrer do ano o pessimismo aumentou por parte dos produtores de cana-de-açúcar e laranja, gerando queda no índice. No último trimestre, o aumento na confiança ocorreu principalmente pela recuperação das cotações da maioria das *commodities* tendo influência da alta do dólar em relação aos preços internos das culturas.

Em 2015, o ano começou em queda para o produtor agrícola, influenciado pela preocupação com a economia brasileira, o aumento do custo de produção para a próxima safra e com a oferta de crédito (Figura 1C). Apesar de estar confiante em relação a produtividade, o produtor se mostrou preocupado em relação ao crédito rural. Nos dois

últimos trimestres o aumento da confiança foi restabelecido, isso pelo fato dos preços dos principais produtos agrícolas aumentarem, mostrando um bom cenário para os produtores.

Os produtores de grãos iniciaram o ano de 2014 otimistas e isso ocorreu de acordo com as expectativas em relação aos preços (Figura 1D). Nos dois trimestres seguintes, os problemas em relação à situação da economia brasileira, a queda das cotações internacionais dos grãos no terceiro trimestre e as preocupações com o aumento dos custos de produção fizeram o nível de confiança cair, porém a produtividade evitou uma maior queda. No último trimestre, com a recuperação das cotações dos grãos, a confiança no setor cresceu.

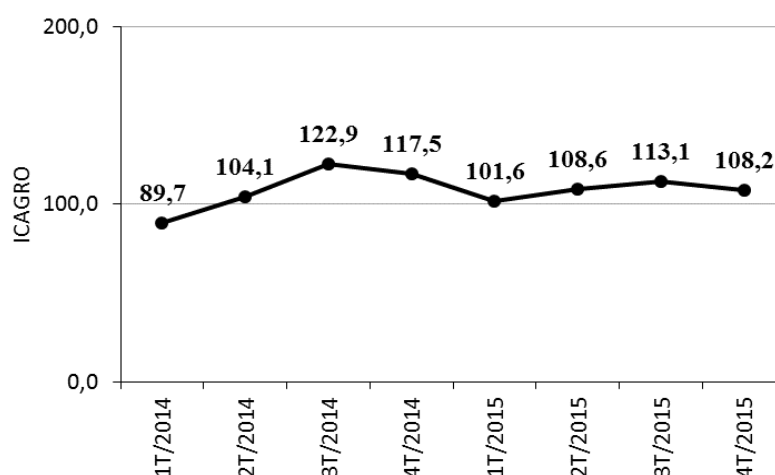
A forte queda do índice para os produtores de grãos no início de 2015 esteve relacionada com a situação econômica do país e com a oferta de crédito. A boa avaliação em relação à produtividade, especialmente dos produtores de milho safrinha, impediu uma maior queda do índice (Figura 1D). A partir do terceiro trimestre, a estabilização em relação à oferta de crédito, a boa perspectiva em relação aos preços de venda devido à valorização do dólar e o aumento nas cotações das *commodities*, minimizaram as incertezas decorrentes do aumento nos custos de produção e da oferta de crédito.



**Figura 1.** Índice de Confiança do Agronegócio - Geral, Índice de Confiança do Agronegócio - Produtor Agropecuário, Índice de Confiança do Agronegócio - Produtor Agrícola e Índice de Confiança do Agronegócio - Produtor de Grãos no período de 2014-2015. Fonte: (FIESP/OCB, 2016b).

## Produtividade

A variável de produtividade, que iniciou o primeiro trimestre de 2014 em um cenário pessimista, se recuperou nos trimestres seguintes, atingindo o cenário otimista pelo restante do período de 2014-2015 (Figura 2). Mesmo com a queda no último trimestre de 2014 e no primeiro trimestre de 2015, ocorreu uma recuperação no segundo e terceiro trimestre, mas fechou o ano de 2015 com uma queda no último trimestre.



**Figura 2.** Índice de Confiança do Produtor de Grãos no período de 2014-2015 da variável de produtividade. Fonte: (ICAGRO - FIESP/OCB, 2016b).

Segundo a produtividade apresentada pela CONAB (2016) (Figura 3), as médias dos grãos apresentaram alguns pontos de instabilidade durante o período, principalmente devido a condições meteorológicas adversas. Dessa forma, houve um comportamento semelhante à instabilidade vista no Índice de Confiança do Agronegócio (Figura 2), que mostrou variações na confiança do produtor agrícola em relação a produtividade esperada em suas lavouras.

Na cultura do algodão, a produtividade da pluma se manteve estável durante o período (Figura 3). Na safra 2013/2014 a alta incidência de chuvas no momento do plantio prejudicou a aplicação de defensivos, porém a produtividade se manteve em um bom patamar. As condições meteorológicas não afetaram a safra 2014/15 e os investimentos nas lavouras foram maiores, atingindo boas produtividades (CONAB, 2016b).

O arroz, na safra 2013/14, mesmo com problemas de temperatura na época de plantio na Região Sul, conseguiu elevar sua produtividade, principalmente pelo bom desempenho e aumento de produção nas Regiões Centro-Oeste e Nordeste, que com

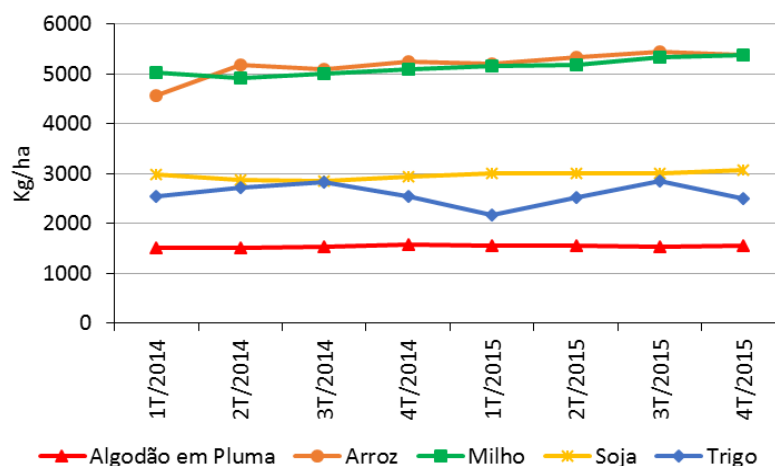
condições meteorológicas favoráveis conseguiram obter maiores produtividades em comparação aos outros anos (Figura 3). A safra 2014/15 se destacou pela alta produtividade, principalmente por ocorrer um verão chuvoso e com temperaturas próximas às ideais durante quase todo o desenvolvimento da cultura. Devido ao atraso no plantio das lavouras, a produtividade caiu na safra 2015/16, em comparação a safra anterior (CONAB, 2016b).

Para o milho, a escassez de chuvas nas regiões Sul e Centro-Oeste durante a safra 2013/14, provocaram redução na produtividade (Figura 3). No período de 2014/15, o melhor desempenho da primeira safra elevou a produtividade do milho. As condições meteorológicas ajudaram o plantio da safra de 2015/16, haja vistas as produtividades elevadas nas Regiões Sul e Sudeste (CONAB, 2016b).

A soja obteve uma redução na produtividade no início do período devido a problemas meteorológicos na safra 2013/14 (Figura 3). Contudo, a safra 2014/15 manteve sua produtividade na Região Centro-Oeste mesmo com problemas de estresse hídrico durante o plantio. Para a safra 2015/16, as temperaturas ideais e as suas chuvas constantes nas regiões Centro-Oeste e Sul, mantiveram o bom nível da produtividade da oleaginosa no país (CONAB, 2016b).

A cultura do trigo vinha de uma excelente safra em 2013/14 com ótimos níveis de produtividade, mesmo com a ocorrência de condições meteorológicas adversas durante o desenvolvimento da cultura (Figura 3). Porém, em 2014 ocorreram muitas condições adversas, como granizo, geadas, excesso de chuvas e temperaturas elevadas, fazendo com que a produtividade apresentasse queda significativa. O aumento em 2015 na produtividade decorreu das boas condições encontradas nas lavouras, no entanto a chuva em excesso principalmente no período da colheita em algumas regiões acabou gerando redução ao final da safra (CONAB, 2016b).

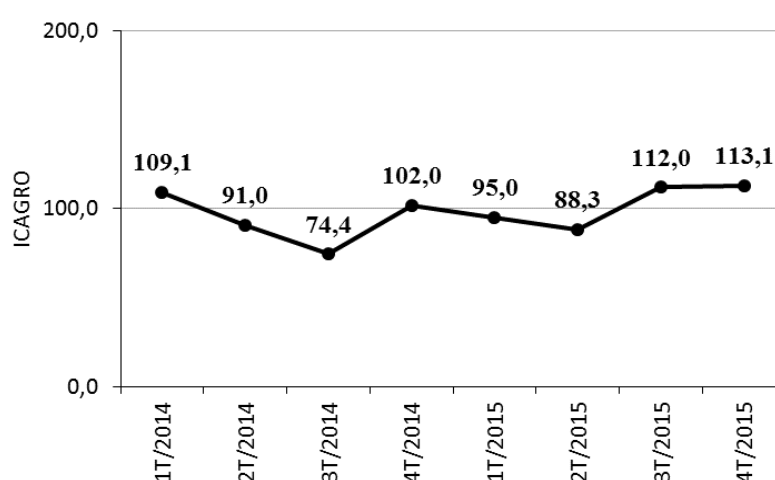




**Figura 3.** Produtividade média trimestral de algodão em pluma, arroz, milho, soja e trigo, no Brasil no período 2014-2015. Fonte: (CONAB, 2016b).

### Preços de Venda

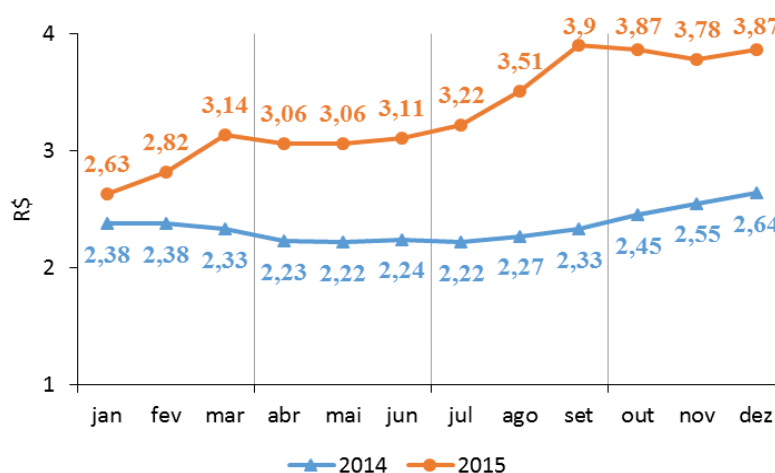
Partindo do campo otimista no primeiro trimestre de 2014, os produtores de grãos brasileiros, aumentaram os sinais pessimista nos dois trimestres seguintes e conseguiram voltar a um cenário otimista em relação aos preços no último trimestre do ano. Nos primeiros trimestres do ano de 2015, os produtores demonstraram uma queda na confiança, mas os últimos trimestres do ano recuperaram a confiança e alcançaram um cenário positivo novamente (Figura 4).



**Figura 4.** Índice de Confiança do Produtor de Grãos no período de 2014-2015 da variável de preço de venda. Fonte: (ICAGRO - FIESP/OCB, 2016b).

Segundo os preços do CEPEA ESALQ/USP (2016) para os grãos, observa-se o mesmo comportamento que o apresentado no Índice de Confiança do Agronegócio, tendo suas oscilações provocadas principalmente pela valorização do dólar frente ao real, visto com maior expressão nos produtos que são exportados.

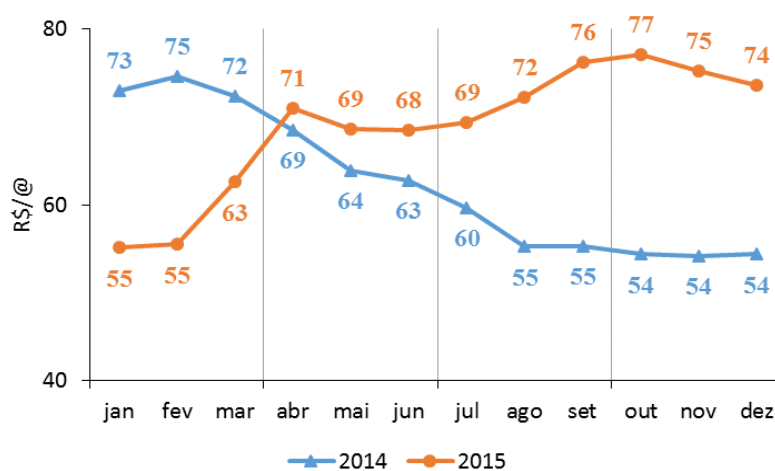
O principal motivo do cenário otimista para o preço de venda dos produtos analisados foi a alta valorização do dólar ocorrida dentro do período (Figura 5). Uma vez que o preço de venda dessas *commodities* é influenciada pelas cotações do mercado internacional, a valorização do dólar diante do real proporcionou preços bons e consequentemente melhorou a confiança dos produtores em relação ao preço de venda.



**Figura 5.** Cotação média do dólar no período de 2014-2015. Fonte: (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016).

Os preços do algodão em pluma recuaram expressivamente no mercado no ano de 2014, especialmente após fevereiro (Figura 6). A queda se deve ao aumento de 32% da produção brasileira de algodão na safra 2013/14 e também à baixa qualidade da pluma. No início do ano de 2014, a baixa demanda e as dificuldades de negociações entre os produtores e compradores dificultaram as negociações. Após julho com a queda sucessiva dos preços internacionais, as tradings estiveram mais ativas no mercado brasileiro. A partir de agosto os preços pouco oscilaram, devido a uma maior demanda interna e a valorização do dólar frente ao real, possibilitando uma maior negociação com o mercado externo. Mesmo com a melhora na demanda do algodão em pluma, os preços se mantiveram baixos por consequência da baixa qualidade dos lotes disponíveis (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

Em 2015, os preços do algodão em pluma estiveram predominantemente em alta, conseguindo se recuperar logo no primeiro trimestre da forte queda no ano anterior (Figura 6). Esse aumento do preço se deve principalmente à combinação de um forte crescimento das exportações, junto à valorização do dólar frente ao real neste período, possibilitando o aumento de vendas externas através de contratos. Em outubro, a busca por lotes de qualidade fez com que o preço da pluma conseguisse atingir o maior preço dos últimos anos. Com o aumento da disponibilidade, os preços começaram a cair nos últimos meses do ano (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

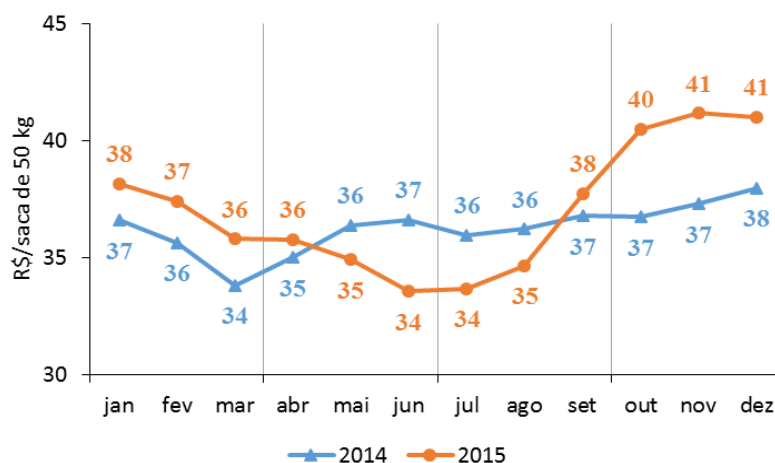


**Figura 6.** Indicador de preços médios mensais do algodão em pluma no período 2014-2015. Fonte: (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

Os preços do arroz em saca no Rio Grande do Sul tiveram poucas oscilações em 2014, tendo sua menor média de R\$ 34,00/saca e a maior de R\$ 38,00/saca (Figura 7). Os preços se mantiveram em um bom patamar durante o ano, isso devido ao baixo estoque disponível e uma demanda estável no mercado interno e externo. Ainda no início do segundo trimestre os preços subiram logo após o pico da colheita, e a partir do terceiro trimestre os produtores começaram a disponibilizar seus lotes aos poucos, fazendo com que as indústrias pagassem preços maiores (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

O cenário de 2015 permitiu um aumento em comparação ao ano anterior no preço do arroz em casca no Rio Grande do Sul (Figura 7). Apesar da alta em 2015, o mercado foi marcado por dois cenários distintos, sendo o primeiro nos dois trimestres iniciais e outro nos dois últimos trimestres. No início os preços caíram devido à posição retraída das beneficiadoras gaúchas e à boa produção na safra de 2014/15, diminuindo a demanda.

Após esse cenário de queda, com os estoques nacionais baixos e o bom desempenho nas exportações, os preços internos conseguiram se elevar, terminando o ano em alta (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

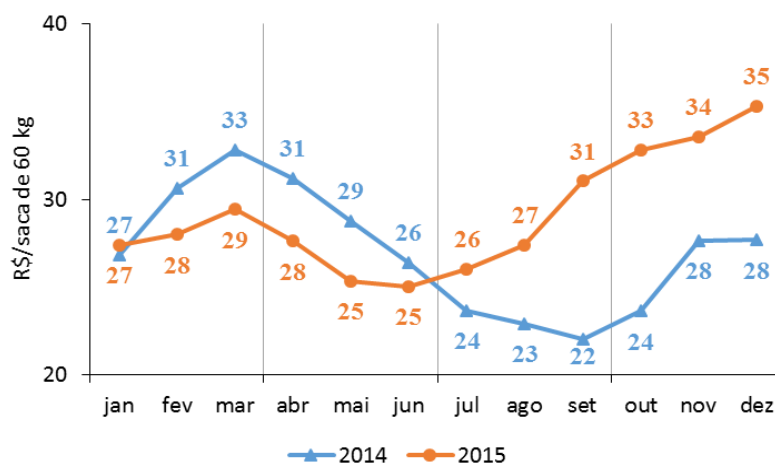


**Figura 7.** Indicador de preços médios mensais do arroz em casca no estado do Rio Grande do Sul no período 2014-2015. Fonte: (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

O ano de 2014 começou muito bem para os produtores de milho, com uma boa valorização dos preços do cereal, mas na sequência ocorreu um longo período de queda, que persistiu de março a outubro (Figura 8). O bom início foi devido à falta de chuva em muitas regiões do país, o que gerou atraso na colheita de verão e no plantio da segunda safra. Nos meses seguintes a queda no preço do milho foi causada pelo excedente interno recorde e pelo forte recuo das cotações internacionais em função da produção recorde norte-americana. As condições meteorológicas influenciaram os preços, pois a falta de chuva atrasou o plantio da temporada de verão, o que favoreceu a valorização do preço do milho (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

A safra 2014/15 foi recorde, mesmo com as dificuldades da falta de chuva no ano anterior (Figura 8). Mesmo com a oferta elevada, os preços do milho subiram sucessivamente no mercado interno. O impulso veio da maior competitividade do cereal brasileiro no mercado internacional, ocorrendo novo recorde nas exportações. No primeiro trimestre as incertezas com a produção da primeira safra e problemas meteorológicos para a segunda safra sustentaram os preços. No segundo trimestre os preços diminuíram devido ao bom desenvolvimento das lavouras. Nos dois últimos trimestres, a valorização do dólar

frente ao real proporcionou um maior nível nas exportações e elevaram os preços de forma intensa (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

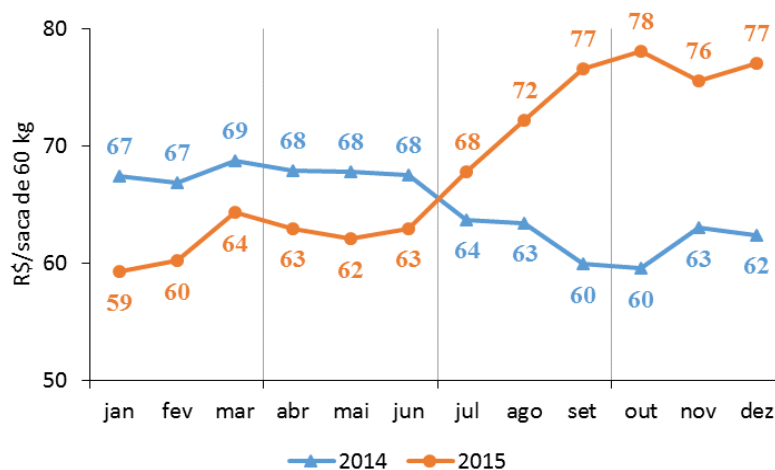


**Figura 8.** Indicador de preços médios mensais do milho no período 2014-2015. Fonte: (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

No ano de 2014, os problemas na produção de soja eram com as adversidades meteorológicas, pois as regiões produtoras sofriam com a estiagem, exceto no Mato Grosso, onde era o excesso chuva que preocupava. Porém, as condições acabaram sendo favoráveis à cultura no decorrer do período, permitindo mais uma safra recorde do Brasil (Figura 9). Com uma menor oferta dos Estados Unidos, importadores começaram a demandar maior quantidade de soja brasileira, porém o problema com a logística do país dificultava o escoamento da safra. Os altos custos logísticos decorrentes de problemas que vão desde a elevada burocracia até a precariedade das estradas, equipamentos, mão de obra especializada e falta de políticas públicas eficientes, acabam prejudicando o desenvolvimento do setor do agronegócio brasileiro. Tradicionalmente, devido a sazonalidade de preços, os valores tendem a ser maiores nos últimos trimestres, porém, neste ano, devido ao cultivo de área recorde da safra 2014/15, os preços foram menores nos últimos trimestres, com leve recuperação nos dois últimos meses do ano (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

Em 2015 o Brasil conseguiu bater o recorde na produção e exportação de soja. Com recorde na oferta mundial, ocorreu uma pressão nas cotações externas, assim os preços externos tiveram quedas expressivas em 2015 (Figura 9). Porém, a forte valorização do

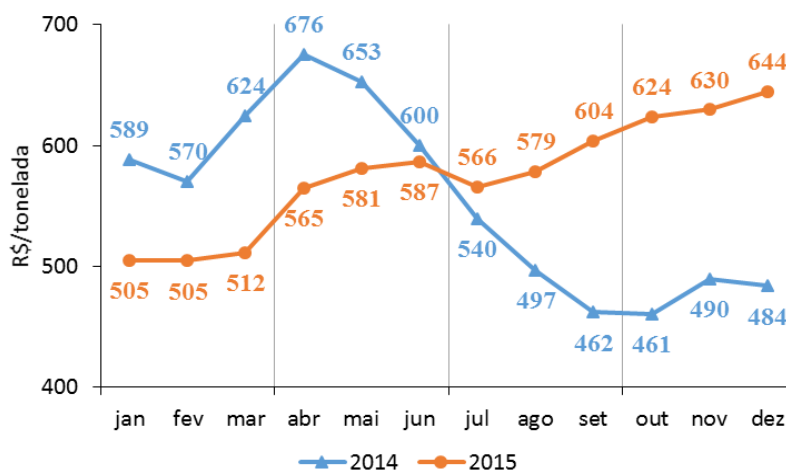
dólar frente ao real reverteu o cenário para o sojicultor brasileiro, pois o preço dessa moeda no primeiro trimestre teve forte alta, que se manteve no segundo trimestre e voltou a subir expressivamente nos dois últimos. Dessa forma, impulsionado pela alta do dólar, o preço atingiu altos valores, tornando maior a competitividade da soja brasileira no mercado exterior (CEPEA ESALQ/USP, 2016).



**Figura 9.** Indicador de preços médios mensais da soja no estado do Paraná no período 2014-2015. Fonte: (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

O preço do trigo começou em alta no início de 2014, isso devido à menor disponibilidade da última safra e a menor oferta do cereal na América do Sul (Figura 10). Com isso, o governo autorizou as importações de fora do MERCOSUL, pressionando assim os preços a partir de abril, onde iniciou a paralização das negociações internas, levando o preço do trigo a uma grande queda. No último trimestre, as quedas perderam intensidade, motivadas pelo reajuste do trigo no mercado internacional em função de adversidades meteorológicas de outros países, como os Estados Unidos (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

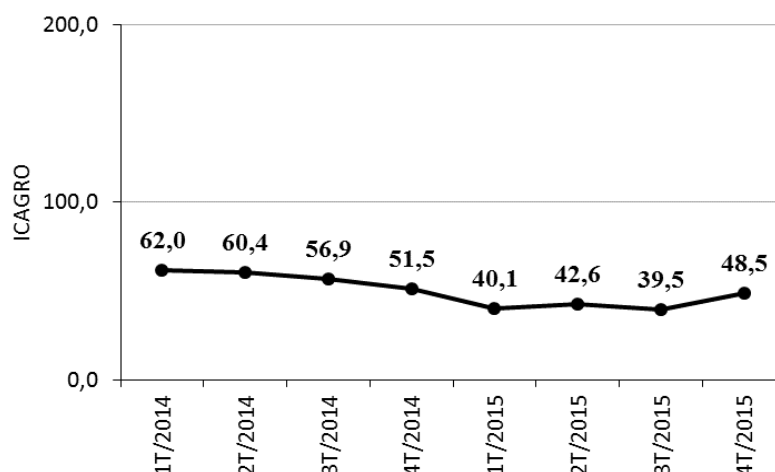
Em 2015 o clima prejudicou a maior parte das regiões produtoras de trigo no país, sendo que a Região Sul foi muito afetada pelas chuvas na colheita, o que fez reduzir a qualidade dos grãos (Figura 10). Este cenário e a valorização do dólar encareceram as importações e mantiveram o trigo brasileiro em alta durante todo o ano. Ocorreu queda no mês de julho devido à redução na demanda interna, porém o cenário foi revertido em seguida com a alta valorização do dólar e baixa produtividade e qualidade dos grãos principalmente no Rio Grande do Sul (CEPEA ESALQ/USP, 2016).



**Figura 10.** Indicador de preços médios mensais do trigo branco no estado do Rio Grande do Sul no período 2014-2015. Fonte: (CEPEA ESALQ/USP, 2016).

### Custo de Produção

A variável de custo de produção foi marcada por estar em todo o período de 2014-2015 no cenário pessimista, seguindo a tendência do produtor de estar preocupado com os preços dos insumos (Figura 11). No primeiro trimestre de 2014 o produtor estava em um nível mais otimista, porém no decorrer do ano a confiança foi decrescendo. O ano de 2015 foi marcado por poucas variações nos níveis de confiança do produtor de grãos, principalmente nos três primeiros trimestres, onde se observou-se uma estabilidade. No último trimestre a confiança conseguiu um grande aumento, mostrando uma retomada no otimismo em relação aos custos de produção para os produtores de grãos.



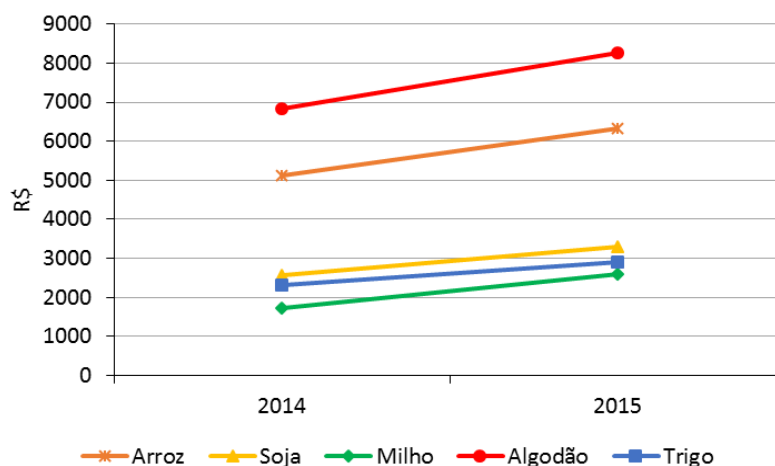
**Figura 11.** Índice de Confiança do Produtor de Grãos no período de 2014-2015 da variável de custo de produção. Fonte: (ICAGRO - FIESP/OCB, 2016b).

A queda apresentada no Índice de Confiança do Agronegócio em relação ao custo de produção (Figura 11), foi determinada principalmente pela alta valorização do dólar naquele período foi fator determinante para o aumento dos custos.

Os custos de produção agrícola para os grãos apresentaram um grande aumento em comparação ao ano de 2014 e 2015 (Figura 12). A valorização do dólar em relação ao real é o principal fator para o aumento desses custos. A maior porcentagem dos custos de produção são os insumos utilizados, como os fertilizantes e defensivos. Como a maior parte das matérias-primas dos fertilizantes é importada, a valorização do dólar em relação ao real pressionou para cima seus preços (CONAB, 2016c; CONAB, 2016d).

O ano de 2014 teve até meados de julho uma queda na valorização do dólar em relação ao real (Figura 5), gerando redução nos custos de produção. Em agosto essa tendência se inverteu e os custos de produção voltaram a se elevar, principalmente nas culturas que necessitam de maior utilização de fertilizantes e defensivos agrícolas. Outros fatores também tiveram influência para o crescimento acentuado dos custos de produção no ano de 2015, como os reajustes para a energia elétrica e combustível, além da mão de obra e a alta nas taxas de juros de custeio.

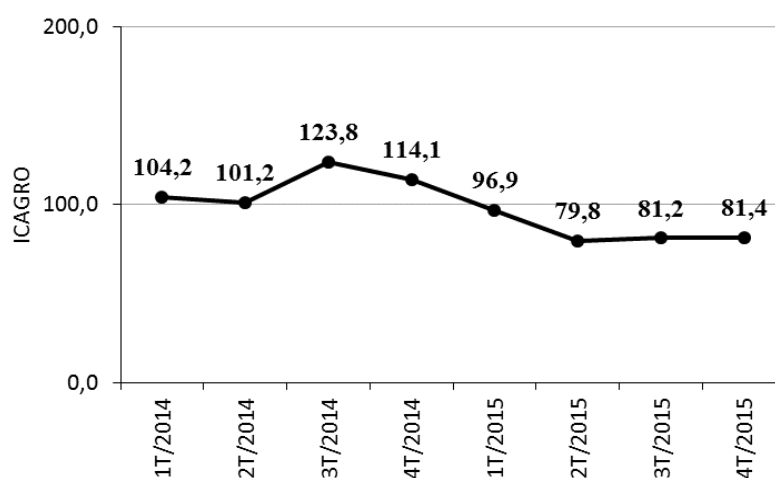




**Figura 12.** Custo de produção com alta tecnologia de arroz em Cachoeira do Sul - RS, soja 1ª safra em Primavera do Leste - MT, milho 2ª safra em Londrina - PR, algodão 1ª safra em Campo Verde - MT e trigo em Cruz Alta – RS no período 2014-2015. Fonte: (CONAB, 2016c).

### Crédito Rural

A confiança do produtor de grãos em relação ao crédito rural começou em alta em 2014 e se manteve ao longo do ano, porém apresentando uma queda no último trimestre do ano. No início de 2015, a confiança em relação ao crédito rural, entrou em um nível pessimista e se manteve em queda durante os dois primeiros trimestres do ano, conseguindo voltar a ter um crescimento nos dois trimestres seguintes, porém permanecendo em um cenário pessimista (Figura 13).

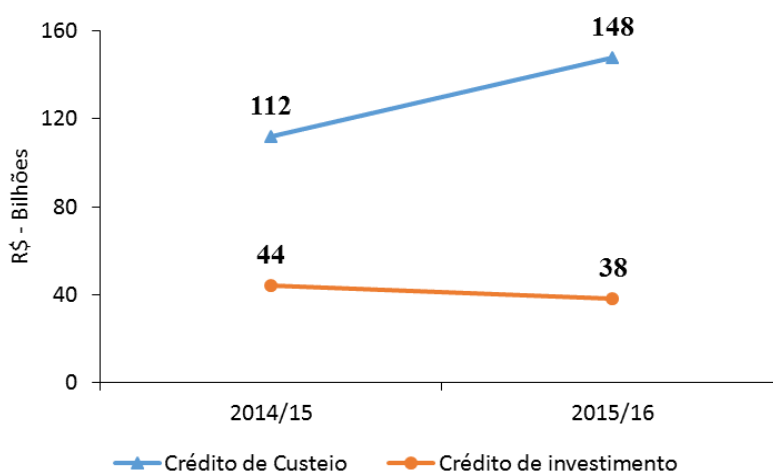


**Figura 13.** Índice de Confiança do Produtor de Grãos no período de 2014-2015 da variável de crédito rural. Fonte: (ICAGRO - FIESP/OCB, 2016b).

A queda da confiança em relação ao crédito rural em 2015 verificada no Índice de Confiança do Agronegócio (Figura 13), tem relação com o volume do crédito apresentado na Figura 14 (MAPA, 2016). A elevação da participação dos juros não controlados em relação aos juros controlados e o aumento dos níveis gerais de juros provocaram esta queda na confiança dos produtores.

Segundo os dados do Plano de Safra 2015/16 (Figura 14), o Governo Federal aumentou em torno de 20% o volume de recursos disponibilizados, em comparação ao Plano de Safra 2014/15. Os recursos destinados ao custeio agrícola aumentaram em 32%, sendo que 85% desse aumento foram provenientes dos recursos de custeio não controlados, ou seja, com taxas de juros livres. A taxa de juros controlada, juros mais baratos, subiu de 6,5% para 8,75%, mostrando um aumento significativo. Os recursos destinados a investimento reduziram, tendo uma queda de aproximadamente 14% (MAPA, 2015).

Diante deste aumento de recursos não controlados e aumento dos juros dos recursos controlados, dos 148 bilhões de reais disponibilizados aos produtores para recursos destinados ao custeio, somente 44% foi utilizado pelos produtores na safra 2015/16, enquanto na safra 2014/15, 55% do valor total foi utilizado por meio de contratos. Nos recursos destinados a investimentos na safra 2015/16, somente 53% foi utilizado pelos produtores, enquanto na safra 2014/15, 64% foi utilizado, mostrando quedas na utilização dos recursos disponibilizados (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2016).



**Figura 14.** Valor total de crédito de custeio e crédito de investimentos disponibilizados para a agricultura no período 2014-2015. Fonte: (MAPA, 2015).

## Conclusões

Ao final do trabalho, a análise do Índice de Confiança do Agronegócio permitiu verificar que as expectativas dos produtores de grãos fornecidas pelos dados do índice seguiram as mesmas tendências observadas nos dados obtidos em todas as variáveis dos indicadores econômicos, demonstrando a eficiência dos resultados do ICAGRO.

## Referências bibliográficas

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Departamento de Regulação, Supervisão e Controle das Operações do Crédito Rural e do Proagro (Derop)**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/MICRRURAL/>>. Acesso em: 23 de março de 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Câmbio Capitais Internacionais – Taxas de câmbio – Dólar americano**. Disponível em: < <http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/txcambio>>. Acesso em: 12 de junho de 2016.

CEPEA ESALQ/USP - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Relatório PIBagro- Brasil**. São Paulo, 2015. Disponível em: <[http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea\\_PIB\\_BR\\_nov15%20.pdf](http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_PIB_BR_nov15%20.pdf)>. Acesso em: 4 de março de 2016.

CEPEA ESALQ/USP - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Indicadores de preços**. São Paulo, 2016. Disponível em: <[http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea\\_PIB\\_BR\\_nov15%20.pdf](http://www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_PIB_BR_nov15%20.pdf)>. Acesso em: 4 de março de 2016.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos (Safra 2015-2016)**. Quinto levantamento: Companhia Nacional de Abastecimento. Brasília. v. 3, n.5. p. 1-182, 2016a. Disponível em: <[http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16\\_02\\_04\\_11\\_21\\_34\\_boletim\\_graos\\_fevereiro\\_2016\\_ok.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_02_04_11_21_34_boletim_graos_fevereiro_2016_ok.pdf)>. Acesso em: 7 de março de 2016.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Levantamentos de safra de grãos, café, cana-de-açúcar e laranja.** Companhia Nacional de Abastecimento. Brasília, 2016b. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1253&t=2>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. **Custos de produção.** Companhia Nacional de Abastecimento. Brasília, 2016c. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1546&t=2>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

FIESP & OCB - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo & Organização das Cooperativas Brasileiras. **Metodologia Índice de Confiança do Agronegócio (ICAGRO).** 2016a. Disponível em: <<http://www.icagro.com.br>>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

FIESP & OCB - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo & Organização das Cooperativas Brasileiras. **Resultados Índice de Confiança do Agronegócio (ICAGRO).** 2016b. Disponível em: <<http://www.icagro.com.br>>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano agrícola e pecuário 2015/2016.** Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/Cartilha\\_PAP\\_2015\\_16\\_Publicada.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/Cartilha_PAP_2015_16_Publicada.pdf)>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **World Agriculture Production. Circular Series WAP 5-16.** May 2016. Disponível em: <<http://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2016.

VILELA, Leonardo. **Desafios do agronegócio: capital e conhecimento.** Revista de Política Agrícola, v. 13, n. 2, p. 87-88, 2015.